

POLUIÇÃO DOS MARES

Já se passaram muitos anos, porém a imagem continua viva em minha mente: um belíssimo exemplar de tartaruga marinha morta e exposta na areia branca da praia. E ao seu redor, um grupo de curiosos, entre os quais eu mesmo. Não demorou a explicação do experiente caçara, funcionário da prefeitura encarregado da limpeza do local: *“Morreu sufocada por um desses saquinhos plásticos de supermercado”*. Ocorreu-me, naquele triste momento, que o mar houvera devolvido à praia o corpo morto da tartaruga como ardente protesto pelo que a humanidade está fazendo com os mares.

Lembrei-me desse incidente ao ver, em programa de televisão, tristes imagens da poluição dos oceanos por saquinhos plásticos, garrafas pet e muitos outros objetos, tudo descartado nas águas, qual pudessem elas constituir-se em imensa lixeira da humanidade. E, na mesma cena, o lembrete, em letras garrafais, dos muitos e longos anos que o plástico demora para se desfazer. A pergunta que me faço, diante dessa lamentável realidade, é que impulso mental leva pessoas honestas e inteligentes a agirem dessa forma, sabendo, como não é crível que não saibam, das consequências nefastas de tal proceder?

A propósito, quero registrar que em minha já distante infância nem se cogitava de problemas dessa natureza. Não existia nada de plástico e os brinquedos que ganhava no Natal, cuidadosamente guardados em uma grande caixa - tenho particular lembrança do pequeno carro de corrida que, em minha imaginação de criança, “voava” em precário circuito retangular e muitas vezes escapava e voava mesmo em desabalada carreira pelo chão da sala, como também do tanque de guerra que lançava faíscas pelo canhão e andava lentamente, fazendo ruído característico - eram todos de lata, que com o tempo chegava até mesmo a enferrujar, e movidos a corda, como também eram os relógios. Por isso mesmo, a chegada do plástico, que facilitou e barateou a fabricação de tanta coisa, inclusive brinquedos, foi saudada como grande avanço tecnológico. Contudo, ninguém sequer desconfiou do outro lado da questão, o dos malefícios que o plástico poderia trazer, a tempo de prevenir a

humanidade e fazê-la entender, já no início, que poderia usá-lo, desde que somente o descartasse de forma adequada. Por isso, deu no que deu. Quantos outros quelônios mais terão morrido asfixiados por saquinhos plásticos?

Admito que, além de campanhas educativas e da imposição de multas - que não de ser pesadas - a todos os infratores, não sei mais o que possa ser feito, sequer a médio prazo, a fim de que nossos mares não continuem sendo poluídos.

Contudo, não fosse Poseidon criação da mente fértil e imaginativa dos gregos da antiguidade, até que me arriscaria a solicitar-lhe ajuda. Segundo o mito, esse fabuloso ser tinha sua morada no fundo do mar e sabia de tudo que se passava na superfície. Se acaso ventos impetuosos viessem a provocar estragos, como a invasão do litoral pelas águas, arrastando tudo o que encontrassem pela frente, provocando o encalhe de embarcações em bancos de areia e muitos outros danos, ele emergia, célere, empunhando enorme tridente, e recolocava tudo no lugar. Existisse ele de fato, eu até que arriscaria pedir-lhe que fizesse uma grande e cuidadosa faxina em todos os mares, limpando-os da vergonhosa sujeira provocada por pessoas que não se pejam de se dizerem civilizadas. Estou certo de que Poseidon me atenderia. E você, caro leitor, não faria o mesmo? Sonhar também é preciso...

Darly Viganó
darly.vigano@gmail.com